

**LEITURA E PRODUÇÃO:
RESSIGNIFICAÇÕES DE POEMAS DE MANOEL DE BARROS
COM ALUNOS DE 8º ANO**

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

Andrea Vanessa Almeida Guimarães (UEMS)

profdea@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo reproduz uma experiência pela qual destacamos a importância da leitura de autores modernos – e principalmente regionais – por alunos do ensino fundamental. Posteriormente, a ressignificação textual, apresentada em produção escrita e oral. Tem por objetivo relatar uma sequência didática trabalhada com os alunos do 8º do ensino fundamental II em uma escola pública localizada em um bairro privilegiado da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O que o motivou foi a percepção de que a literatura contemporânea geralmente é apresentada aos alunos somente no ensino médio, porém tal trabalho com os alunos menores se faz deveras importante, já que amplia os horizontes culturais e os prepara para novas perspectivas na próxima etapa de aprendizagem. Como suporte teórico desse projeto, recorremos à Base Nacional Comum Curricular (2016) e aos autores Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1992), Ingedore Grunfeld Villar Koch e Vanda Maria Elias (2012), Paulo Freire (1999), Vilson José Leffa (1996), Ângela Kleiman (2005-2010), Luiz Antônio Marcuschi (2010), Maria de Lourdes Meirelles Matêncio (2003), Roxane Rojo (2009), entre outros. A proposta oportunizou aos alunos momentos de leitura, de conhecimento, de reflexão, levando-os a ressignificar textos a partir de poemas de Manoel de Barros e suas próprias experiências.

Palavras-chave: Leitura. Poemas. Ressignificação

1. Introdução

Na hodiernidade, o professor de língua portuguesa deve trabalhar a partir de propostas que lancem aos alunos o despertar do interesse, com inovações que lhes chamem a atenção e infundáveis desafios relacionados à leitura, à compreensão e à produção de textos. Uma gama de gêneros textuais faz-se presente no dia a dia do aluno, permitindo novas possibilidades de aprendizagem. O ensino da língua precisa seguir de mãos dadas

com a leitura de diferentes textos, tornando-a forte aliada na busca da construção do saber e em sala de aula.

Neste artigo, objetivamos relatar uma sequência didática vivenciada pelos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II em uma escola pública localizada na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, por meio da qual ressaltamos a importância da leitura, da interpretação e da ressignificação de poemas de Manoel de Barros, com a produção e apresentação em grupo.

Elaboramos a sequência didática a partir da constatação de que dificilmente o professor de língua portuguesa do ensino fundamental II insere em suas práticas o trabalho com a literatura, principalmente de autores contemporâneos, julgando ser de maior amplitude ou que os alunos menores não têm maturidade para alguns conceitos que lhe cabem. Porém, tal prática se faz importantíssima para auxiliar nos conceitos que serão trabalhados no ensino médio, preparando-os a entender a dinâmica maravilhosa que as diversas possibilidades de entendimento e criação. Realizamos a leitura de vários poemas de Manoel de Barros e os alunos puderam escolher caminhos de interpretação e análise conforme o que entendiam decorrente de suas verdades. Experimentamos o contato com a beleza e realidade como nosso poeta trata as coisas da natureza e as pessoas de seu cotidiano. Reuniram-se em grupos para criar atividades que proporcionaram diferentes formas de leitura e produção (texto, vídeo, quadrinho, imagem, dança, som). Isso os levou a refletir sobre a leitura, encerrando com a apresentação de seus trabalhos que mostraram as diversas formas de enxergar o consagrado Manoel de Barros.

Como suporte teórico, recorremos à Base Nacional Comum Curricular (2016) e aos autores Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1992), Ingedore Grunfeld Villar Koch e Vanda Maria Elias (2012), Paulo Freire (1999), Vilson José Leffa (1996), Ângela Kleiman (2005-2010), Luiz Antônio Marcuschi (2010) Roxane Rojo (2012), entre outros.

Dessa forma, o objetivo primordial dessa proposta é permitir que o aluno mergulhe no mundo da leitura de Manoel de Barros de forma livre, e a partir dela faça uma ressignificação, usando suas experiências e culturas. Ele deve entender que, para transformar um texto original num outro gênero, urge a adequação de suas características, sua estrutura, alteração da linguagem e da sua intenção comunicativa para chegar ao interlocutor.

2. Leitura de texto em sala de aula

Conforme a Base Nacional Comum Curricular:

O texto é o centro das práticas de linguagem e, portanto, o centro da BNCC para língua portuguesa, mas não apenas o texto em sua modalidade verbal. Nas sociedades contemporâneas, textos não são apenas verbais: há uma variedade de composição de textos que articulam o verbal, o visual, o gestual, o sonoro – o que se denomina multimodalidade de linguagens. (BRASIL, 2016, p. 63)

Quando o aluno consegue relacionar aquilo que lê com a sua vivência, está desenvolvendo a sua habilidade de leitura. Nem sempre um mesmo texto é interpretado e entendido da mesma forma, porque o conhecimento de mundo de seus leitores nem sempre são iguais. É preciso utilizar, por isso, estratégias de leitura diferenciadas a fim de alcançar todos os leitores.

Segundo Wilson José Leffa (1998, p.14), a visão da realidade provocada pela presença do texto depende da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. O texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento que possui do mundo.

Já Maria de Lourdes Meirelles Matêncio (2003, p. 3-4) explica as relações entre textualizar e retextualizar:

Textualizar é agenciar recursos linguageiros e realizar operações linguísticas textuais e discursivas. Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las, tendo em vista uma nova situação de interação, portanto, um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tantas relações entre gêneros e textos, o fenômeno da intertextualidade; quanto relações entre discursos, a interdiscursividade.

Entendemos que a retextualização significa a criação de um novo texto, com uma mudança de modalidade, a partir de textos originais. O leitor lê ou escuta um texto e, a partir dessa primeira leitura, produz um novo texto, apropriando-se de outra dinâmica de linguagem. Várias são as possibilidades formais desse texto a ser retextualizado, ou ressignificado: com a introdução de quadrinhos, imagens, sons, novas perspectivas da narrativa, vídeo, dramatização.

Segundo Roxane Rojo (2012, p. 8), “trabalhar com multiletramento pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecno-

logias de comunicação e informação (novos letramentos), mas se caracteriza como um trabalho que parte das culturas de referência do aluno (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos”.

Inicialmente, a fim de desenvolver a ressignificação do texto original, o aluno deve realizar uma leitura profunda dos textos-base, analisá-los em todas as possibilidades e mostrar capacidade de significar a leitura por meio de um outro texto, utilizando uma linguagem nova, que faça sentido para ele.

Apoiado em Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1992), entendemos que “a definição de sentido em toda a profundidade e complexidade de sua essência”, deve ser pensada em um “contexto inacabado”, em que o sentido, logo, não é “tranquilo, nem cômodo”. Dessa forma, o essencial passa por articular todos os modos de produzir textos. E isso pode ser muito bem incrementado na sala de aula.

3. Sequência didática

A fim de concretizar esta proposta de sequência didática, utilizamos dez aulas de língua portuguesa, dispostas da seguinte forma:

3.1. Primeira aula: preparação e leitura em grupo

Como provavelmente os alunos pouco ouviram falar de Manoel de Barros, a professora relatou um breve histórico sobre ele e mostrou algumas de suas obras para que eles se sentissem familiarizados. Depois, apresentou a leitura do poema “Aquela madrugada” (Compêndio para uso dos pássaros, p. 41) e fez algumas perguntas para que entrassem no ambiente da natureza e suas possibilidades. Terminaram por contar algumas experiências com as coisas no campo, fazenda etc. A professora solicitou que pesquisassem um outro texto do autor e trouxessem no caderno como tarefa para a próxima aula.

3.2. Segunda aula: pesquisa na sala de informática

Para que ganhassem um pouco de conhecimento sobre Manoel de Barros antes de iniciarem o trabalho de elaboração, a professora os levou

até a sala de informática para pesquisarem sobre a vida e a obra dele. Antes disso, viu os cadernos com os textos da tarefa e conversaram sobre o que mais lhes chamou a atenção. É claro que vários trouxeram textos repetidos, o que até favoreceu a discussão.

3.3. Terceira aula: divisão de grupos e “escolha dos poemas”

Depois que os alunos conheceram quem foi Manoel de Barros e sua importância na nossa literatura, além dos primeiros contatos com seus textos, a hora é de iniciar a elaboração. A sala foi dividida em 6 grupos, escolhidos os integrantes de forma livre e por afinidade. Para cada um foi ofertado um livro de poemas, que a professora sorteou. Os alunos começaram a ler entre eles, rindo e folheando aleatoriamente. Depois ela foi até cada grupo e sugeriu o trabalho com um texto específico, caso contrário ficaria muito moroso o projeto e poderia causar discussões indevidas.

Ao finalizar tal divisão e escolha, o trabalho ficou decidido da seguinte forma:

Grupo 1: O livro das ignoranças, poema VII, p. 87;

Grupo 2: Concerto a céu aberto para solos de ave, Retrato, p. 47;

Grupo 3: Ensaios fotográficos, Borboletas, p. 59;

Grupo 4: Poemas concebidos sem pecado, poema 10, p. 31;

Grupo 5: Livro de pré-coisas, frases, p. 59 a 65;

Grupo 6: O guardador de águas, poema III, p. 59.

3.4. Quarta aula: Criação da ressignificação

Cada grupo recebeu o livro com o qual iria trabalhar e iniciou a leitura e análise do texto original. Os alunos fizeram a discussão sobre as possibilidades interpretativas e o que o poeta quis mostrar. Escreveram suas respostas no caderno. A partir daí, a professora explicou como seria a apresentação dos trabalhos e os caminhos que eles poderiam usar para chegar ao objetivo. Ela colocou no quadro os 6 projetos e elucidou cada um deles, como forma de ressignificar os textos de Manoel. Passou slides explicativos sobre os gêneros textuais que eles poderiam apresentar e até

ofereceu sugestões a fim de envolvê-los na leitura e produção. Enfatizou que os elementos da natureza e as relações humanas sempre fizeram a base da produção literária do poeta e que eles também deveriam se apropriar dessas temáticas.

3.5. Quinta aula: definição dos gêneros textuais/criação

Após a apresentação das várias formas de desenvolver o trabalho, ficou assim definido:

- Grupo 1: O livro das ignoranças, poema VII, p. 87: Releitura moderna e produção de poema narrativo com elementos do próprio ambiente deles – sala de aula;
- Grupo 2: Concerto a céu aberto para solos de ave, Retrato, p. 47: Continuação da descrição da personagem, escolhendo um funcionário da escola sob uma perspectiva caricaturesca;
- Grupo 3: Ensaios fotográficos, Borboletas, p. 59: Declamação com fundo musical dramático e apresentação de dança representando as borboletas;
- Grupo 4: Poemas concebidos sem pecado, poema 10, p. 31: Elaboração de história em quadrinhos ressignificando o poema numa roupagem com o tema do racismo;
- Grupo 5: Livro de pré-coisas, mini poemas em frases, p. 59 a 65: Criação de um vídeo com imagens que deem significado às dez frases escolhidas;
- Grupo 6: O guardador de águas, poema III, p. 59: Dramatização humorística que traga uma nova estética da temática da chuva abordada pelo poeta.

De forma não muito organizada e com bastante barulho, os alunos se reuniram e iniciaram a discussão de como seria a apresentação, com a definição das funções de cada integrante do grupo. Todos deveriam se envolver, até mesmo os que fizessem o papel de árvore, de barata, ou se dedicassem ao cenário no projeto. No final, entregaram os nomes com as funções e o que fariam, efetivamente.

3.6. Sexta aula: elaboração textual

Nesse momento, todos os alunos estavam inteirados do objetivo do trabalho, das temáticas de Manoel de Barros, do poema original e do que deveriam apresentar. Iniciaram a elaboração do texto ressignificado, com muita discussão. Por partes, iam apresentando para a professora intervir, a qual fazia ponderações e sugestões prévias, observando a combinação das palavras, da estrutura textual etc.

3.7. Sétima aula: espaço para produção e ensaio

A professora deixou que os alunos, após terminarem a elaboração ressignificativa, começassem a preparar a apresentação. Os grupos que fariam dramatização puderam ficar no pátio e se manifestar mais livremente. O grupo que criaria o vídeo foi para a sala de informática. Os demais ficaram na sala de aula, sob orientação.

3.8. Oitava e nona aulas: preparação, ensaio e montagem

Com o apoio da professora regente e da professora da sala de tecnologia, os grupos de alunos escreveram seus roteiros, desenhos e elaboraram seus vídeos, retextualizando o texto base de Manoel de Barros.

3.9. Décima aula: apresentação dos textos ressignificados

A professora reservou a sala de multimeios para o culminar do projeto. Os alunos prepararam-na como se fosse um anfiteatro, arrumando cadeiras para o público: coordenadores, diretores, funcionários da escola e os colegas dos outros grupos. Montaram cenários característicos do gênero trabalhado. Cada grupo iniciou a apresentação com a explicação de suas ressignificações e relataram a importância da experiência que viveram por meio da atividade de leitura e escrita em grupo. Também falaram sobre Manoel de Barros, o que aprenderam e o que entenderam do poema original que embasou o trabalho final, com o novo texto.

4. Considerações finais

Conforme José Nicolau Gregorin Filho (2009 p.51), aprender a ler e utilizar-se da literatura como veículo de informação e lazer promove a formação de um indivíduo mais capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia e tornar-se agente de modificações na sociedade em que vive. Aqui acrescentamos tal trabalho com os alunos do Ensino Fundamental, que representou realmente um desafio, visto que a imaturidade dessa série escolar amedronta os professores de língua portuguesa. Dessa forma, preferem desenvolver a costumeira dinâmica de utilizar-se do livro didático e ensinar os conteúdos técnicos, já que não gera tumulto para a ordem escolar. Em contrapartida, não traz uma gama de significados e discussões altamente ricos em sala de aula, como foi observado em nosso projeto.

O ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença. Qualquer texto reforça ideias já sedimentadas ou propõe visões novas. (ANTUNES, 2003, p. 81)

Nosso trabalho atendeu às expectativas quanto ao proposto, pois os alunos experimentaram a peculiar leitura de um poeta tão importante e puderam ultrapassar os limites da análise textual, ressignificando o que leram à sua realidade. Participaram de aulas dinâmicas de língua portuguesa e interagiram em grupos, na produção de suas releituras para construção de novos sentidos. A atividade aqui apresentada refere-se à leitura e produção de textos em sala de aula. Durante o processo, diagnosticamos que o aluno necessita de aulas de língua portuguesa mais atrativas que prendam sua atenção e entusiasmo para o ensino da língua. O viés tradicional não contempla mais o estudante hodierno. Então o professor deve criar mecanismos de ousadia e enfrentar os desafios, acompanhando os anseios e a realidade dessa geração, que se faz dinâmica e altamente habilidosa.

Para finalizar a proposta da sequência didática, os alunos elaboraram e apresentaram textos escritos, dramatizados e em vídeo, utilizando suas interpretações e culturas, num contexto de ressignificação das leituras de poemas de Manoel de Barros.

Inicialmente foram planejadas 8 aulas, mas a demora nas leituras e interpretações dos alunos fizeram o projeto se estender para 10 aulas. Durante a realização das atividades, tivemos algumas dificuldades, como

urgência em finalizar o conteúdo programático para as provas bimestrais, difícil acesso à internet e falta de alunos. Em contrapartida, vislumbramos o entusiasmo dos alunos no momento das leituras, das produções e da interação em grupo, o que proporcionou o interesse demonstrado a cada etapa concluída até o produto final, que surpreendeu a todos com a qualidade dos trabalhos apresentados pelos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, superando até algumas avaliações de projetos semelhantes com os do ensino médio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: Acesso em: 10 out. 2016.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: 2009.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villar; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1982.
- LEFFA, Vilson José. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra-DC Luzatto, 1998.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*, março de 2003.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.